

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia

Luiz Pianta de Oliveira

Novo Paraíso
A formação da Identidade entre os descendentes de Alemães

Porto Alegre

2009

Luiz Pianta de Oliveira

NOVO PARAÍSO
A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE ENTRE OS DESCENDENTES DE ALEMÃES

Monografia apresentada ao departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Sérgio Schneider

Porto Alegre
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia
2009

Sumário

1.	Introdução	4
2.	A Sociologia de Norbert Elias e o estudo da identidade.....	7
2.1.	Sociologia Configuracional.....	7
2.2.	Conceitos de Cultura e Civilização	8
2.3.	Formalização e Informalização das relações.....	9
2.4.	Teias de interdependência e configurações sociais	9
2.5.	A sociologia de Norbert Elias como ferramenta no meu estudo.....	10
2.5.1.	<i>Ethos Alemão</i>	11
2.5.2.	<i>Ethos do trabalho</i>	12
2.5.3.	<i>Ethos camponês</i>	12
3.	A problemática da identidade em Novo Paraíso (Colonizadores aos descendentes).....	14
3.1.	Novo Paraíso	14
3.2.	Sistema produtivo em Novo Paraíso	15
3.3.	Pequena propriedade produtora.....	15
3.4.	Agricultor x produtor rural	16
3.5.	Evolução da produção na colônia.....	17
3.6.	Pluriatividade.....	18
3.7.	A produção de suínos e aves	19
4.	Identidade, da Alemanha a Novo Paraíso	22
4.1.	Como ser Alemão e Brasileiro	22
4.2.	A Alemanha: história e processos de formação de identidade.....	23
4.2.1.	<i>As relações formalidade x informalidade e cultura x civilização no estado alemão</i>	24
4.3.	Cartas do passado, desenvolvendo uma identidade.....	27
4.4.	Novo Paraíso, um novo lar	29
4.5.	Os processos de ser alemão em Novo Paraíso	31
4.5.1.	<i>Igreja</i>	31
4.5.2.	<i>As festas típicas (locais de reunião da comunidade)</i>	32
4.5.3.	<i>Jogos de cartas</i>	33
4.5.4.	<i>Campeonatos</i>	36
4.5.5.	<i>O alemão gaúcho</i>	36
4.6.	Herança Cultural.....	37
4.7.	<i>Ethos do trabalho</i>	38
4.8.	<i>Considerações Finais</i>	40
4.9.	<i>Bibliografia</i>	43

1. Introdução

O primeiro contato que tive com a Comunidade de Novo Paraíso, distante 140 km de Porto Alegre, ocorreu no final de 2008, quando juntamente com minha então namorada, futura esposa, fomos a uma festa típica, conhecida como *Kerb*. Nesta festa me chamou à atenção a utilização da língua alemã e portuguesa em conjunto, as pessoas se comunicavam em ambas as línguas e praticamente ao mesmo tempo, passando da utilização de uma a outra com grande facilidade. Para mim egresso de um centro urbano como Porto Alegre, se deslumbrava um mundo completamente novo e que atraía o olhar do pesquisador.

Com o passar do tempo as visitas a Novo Paraíso, tornaram-se mais frequentes, possibilitando o contato com as pessoas do lugar, e então percebi que a língua alemã representava muito mais do que um instrumento de comunicação, parecia muito mais ser uma das formas de identificação das pessoas pertencentes ao grupo.

Algumas famílias de Novo Paraíso compuseram a história de seus antepassados de maneira que pudessem ser contadas em livros, desta forma o empreendimento de colonizar terras em novo país, tornava-se uma saga de seus antepassados. Parecia-me que estes estudos estavam gerando sobre um mesmo tema, a formação de identidade. Quem somos, de onde viemos e o que somos me parece ser a questão subliminar em toda esta literatura.

Muitos estudos sobre a colonização alemã, partem da fundação das colônias, vindo até os dias atuais. No meu entender, estas explicações careciam de um complemento, de uma contextualização histórica que permitisse ligar a vida, dos colonizadores no território de origem às terras colonizadas.

Diversos destes textos tratam da construção da identidade étnica alemão-brasileira e sua relação com o desenvolvimento de noções de cidadania e nacionalidade por parte dos imigrantes e seus descendentes. Muitos estudos estão focados na etnicidade. No meu ponto de vista, não é o viver numa região de colonização alemã ou possuir o tipo físico alemão que confere a alguém identidade étnica, pois esta é culturalmente construída. Assim sendo, precisa-se considerar as várias formas através das quais os traços da cultura alemã são reelaborados em diferentes momentos e locais.

A escolha de Novo Paraíso para um estudo de caso é relevante no momento em que o objetivo geral deste trabalho é explicar as transformações na identidade dos descendentes de alemães. A comunidade guarda características que podem auxiliar nesta investigação, tais como ser uma comunidade pequena e a maioria de seus habitantes são descendentes dos primeiros colonizadores. Elementos importantes na pesquisa como a língua, os costumes e hábitos tidos como alemães ainda estão presentes.

A forma como este conjunto formado por hábitos, costumes e língua são interpretados pelas novas gerações. Como a comunidade se adapta a estas modificações é um desafio do fazer sociológico nos dias de hoje, e isto passa em perceber que os discursos são produzidos a partir de uma complexa rede de informações, onde as fronteiras culturais acompanham a complexificação das sociedades modernas. A relevância de compreender como se dá o processo de formação de identidade entre os descendentes é significativo quando buscamos entender como a comunidade irá continuar existindo.

O trabalho de campo foi realizado nos finais de semana de 2008 e 2009 com 20 famílias da pequena comunidade de Novo Paraíso, localizada entre Estrela e Teutônia no vale do Taquari. A proposta da pesquisa busca compreender a formação da identidade em uma comunidade de descendentes de alemães no Rio Grande do Sul, fez com optasse pela escolha do método etnográfico, com entrevistas semi-estruturadas e observação participante.

Nas ciências sociais o objetivo que nos propomos a alcançar esta interligada a ferramenta que utilizamos na busca e interpretação dos dados do trabalho de campo. Neste sentido a sociologia processual de Norbert Elias, com a relação recíproca sociedade e indivíduo, me parece a ferramenta conceitual mais adequada para explicação da transformação da identidade entre descendentes de alemães. O conceito de Norbert Elias de constituição de cadeias de interdependência onde os indivíduos e sociedade estão entrelaçados em infindáveis reciprocidades e interdependência, que moldam a identidade singular e coletiva.

Inicialmente, no próximo capítulo apresenta-se um referencial a sociologia de Norbert Elias e como este olhar foi apropriado nesta pesquisa, com a abstração de alguns de seus conceitos.

No terceiro capítulo aborda-se a problemática da identidade em Novo Paraíso fazendo-se um recorte da história dos colonizadores aos descendentes, com especial atenção a influência dos meios produtivos e a relação existente entre os ethos do trabalho, alemão e camponês.

A seguir, no quarto capítulo, temos os processos de formação da identidade ainda na Alemanha, e como isto se dará em Novo Paraíso. Quais são os processos utilizados pelas pessoas de Novo Paraíso para reproduzirem sua própria consciência de identidade.

2. A Sociologia de Norbert Elias e o estudo da identidade

Quando me deparei pela primeira vez com o Norbert Elias, estava cursando o 3º ou 4º semestre do curso de ciências sociais na UFRGS. Lembro que o nome me despertou interesse logo de início, pois Elias soava muito diferente que outros nomes de origem alemã. E tal qual seu nome, também era a sua sociologia, seu olhar sobre o mundo. Uma escrita fluida e compreensível, repetitiva muitas vezes, mas com uma compreensão circular que faz com que voltemos ao ponto de partida quando já acreditamos ter compreendido completamente o que ele queria dizer.

2.1. Sociologia Configuracional

Elias segue uma linha em que a sociologia se mostra em constante processo de mudança, construindo a idéia de um “processo civilizador” sendo este o título de sua obra mais conhecida entre o público, da qual se transcreve o trecho abaixo:

O entrelaçamento das dependências dos homens entre si, suas interdependências são o que ligam uns aos outros. Elas são o núcleo do que é aqui designado como figuração, como figuração dos homens dependentes uns dos outros e que se orientam uns em relação aos outros. Como os homens são – inicialmente por natureza, e então mediante o aprendizado social, mediante sua educação, mediante a socialização, mediante as necessidades despertadas socialmente – mais ou menos mutuamente dependentes entre si, então eles, se é que se pode falar assim, só existem enquanto pluralidades, apenas em figurações. (ELIAS, 1994, p. 67 e 68).

Com se pode ver, o social é um conjunto de relações. O “todo” seja ele a sociedade ou o grupo é um todo relacional. Estas relações estão em constante movimento: em uma relação constante de nascimento, morte e renascimento. Ou seja, se constroem, se estabelecem, se destroem, se reconstroem, se articulam ou não. Estão em um constante processo, e esta é a palavra chave na sociologia de Elias: processo, em uma percepção de movimento e de coisa viva.

As relações entre indivíduo e sociedade se transformam no papel principal da explicação do autor, ao mesmo tempo em que são toda a fonte do estudo de sua sociologia. Em outras palavras: não há indivíduo na sociedade, não há sociedade, mas simplesmente sociedade no indivíduo. Podemos dizer então que os indivíduos fazem a sociedade e a sociedade faz os indivíduos.

Não se pode pressupor que exista uma sociedade em “si” fechada desta forma as relações, ou indivíduo em “si” da mesma forma fechado as relações, mas sim de uma constante interação entre ambas com conseqüências na formação da identidade destes dois lados.

A sociedade não é mais nada do que o conjunto de tantas interações possíveis, assim entendidas e elevadas ao infinito. Assim deve-se buscar uma compreensão do microcosmo (universo do indivíduo), como do macrocosmo (universo social), de cada relação, pois está interligados, daí o conceito de sociologia configuracional.

2.2. Conceitos de Cultura e Civilização

Elias aborda os conceitos e cultura e civilização, que serão bastante úteis em nosso trabalho, tendo em vista para seu estudo a Alemanha.

Como civilização “*civilization*” ele nos explica:

O conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”. (ELIAS, 1994, p.13)

E como cultura “*Kultur*” temos a seguinte explicação:

Enquanto o conceito de civilização inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores, o conceito de *Kultur* reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: “Qual é, realmente, nossa identidade?” A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico. As perguntas “O que é realmente francês? O que é realmente inglês?” há muito deixaram de ser assunto de discussão para franceses e ingleses. Durante séculos, porém, a questão “O que é realmente alemão?” reclamou sempre resposta. Uma resposta a esta pergunta - uma entre várias outras - reside em um aspecto peculiar do conceito de *Kultur*. (ELIAS, 1994, p.14)

Ambos os conceitos são importantes e são relacionados na sociologia de Norbert Elias ao processo de formar um todo a partir da interação das partes, a intensidade com que esta interação ocorre esta relacionada a forma com que os indivíduos interagem com os conceitos de cultura e civilização, ainda que possamos compreender que determinada ação dentro da sociedade não seja considerada um ato aceitável, pode ser que o conceito de cultura nos permita fazê-lo porque é coerente com o grupo social que melhor me identifico.

2.3. Formalização e Informalização das relações

Para Norbert Elias a questão esta em como ocorrem estas interações, desta forma tem especial relevância para nosso estudo o nível de formalização e informalização que se faz presente nas relações entre os indivíduos de maneira que possa ser avaliado quanto conflituosas são as estruturas:

Assim, cumpre assinalar que o arcabouço de normas e controles, do código ou cânone de comportamento e sentimento em nossas sociedades (e talvez em todas as sociedades) não consiste num todo unificado. Em toda e qualquer sociedade existe um gradiente específico entre a relativa formalidade e a relativa informalidade, o qual pode ser apurado com grande precisão e ser mais ou menos elevado. A estrutura deste gradiente muda no decorrer do desenvolvimento de um Estado-sociedade. O seu desenvolvimento numa direção específica é um aspecto do processo civilizador. (ELIAS,1994, p. 41)

Identificar qual o grau de relação entre formalização e informalização em uma determinada sociedade pode indicar qual o gradiente de desenvolvimento de um Estado. Para nossa pesquisa interessa saber como este grau de formalização influenciou as experiências dos colonizadores em seu novo mundo e a seguir como se forma suas novas identidades a partir destas interações.

2.4. Teias de interdependência e configurações sociais

Avançando para o conceito de teias de interdependência ou configurações sociais, verificam-se as disposições e inclinações dos indivíduos em variadas maneiras de relação.

Estes entrelaçamentos contínuos moldam e formatam a interpretação do individuo a respeito de sua identidade.

A imagem que um individuo faz da nação de que forma parte é também, portanto, um componente da imagem que ele tem de si mesmo, a sua “auto-imagem”. A virtude e o significado da nação também são os dele próprio.” (ELIAS, 1997, p. 143)

Um individuo não só tem um “eu-imagem” e um “eu-ideal”, mas também um “nós-imagem” e um “nós-ideal”... Em suma, este é um dos muitos exemplos de correspondência entre tipos específicos de estrutura social e tipos específicos de estrutura de personalidade” (ELIAS, 1997, p. 144)

A passagem acima traduz o conceito essencial da sociologia de Norbert Elias, a forma como a interação entre individuo e sociedade se constantemente e de forma que poderíamos chamar de orgânica, pois um integra a própria constituição do outro.

Estas configurações são variáveis e flexíveis conforme a relação histórica, e a forma de interação entre os atores sociais.

2.5. A sociologia de Norbert Elias como ferramenta no meu estudo

O conceito de habitus coletivo e habitus individual de Elias são construídos através de uma linha histórica. Desta forma pode ser identificado na sociedade um processo desenvolvimento, ao qual Elias chama de processo civilizador. De maneira tal que se precisa compreender a imagem que temos do indivíduo não a partir de uma formação isolada, mas como o conjunto de varias individualidades interdependentes, que formam figurações entre si, de maneira a existirem diferentes sociedades.

Nos estudos sobre a etnia alemão raramente há uma interpretação do processo de identidade do indivíduo como produto da relação indivíduo sociedade através dos tempos, quase que praticamente, sendo apresentado de forma final, como se conceitos como “pátria” (*Vaterland*), “pátria-mãe” (*Mutterland*) e “terra-lar” (*Heimat*) fossem estanques, e não produto de um processo de desenvolvimento histórico, além disso dados como pronto aos indivíduos.

Neste estudo parte se do conceito Elisiano de um processo contínuo de formação da identidade, onde há uma interação constante entre sociedade e indivíduo. Os colonizadores e descendentes passam por um processo de adaptação dos conceitos originais trazidos e apreendidos através de gerações em uma terra alemã, reconstituídos, de forma a se adaptar a um novo solo brasileiro, mas com características teutas. Estas características, não são formadas através da explicação individual dos homens, como seres singulares, como se fossem indivíduos sem sociedade, ou na explicação de sociedades que são formadas como se houvesse sociedades sem indivíduos.

No estudo de caso em Novo Paraíso procurasse exemplificar quais os processos são mais relevantes no processo de formação da identidade. Um dos mais importantes é conceito de *ethos* como algo relacionado ao conjunto de hábitos ou características que podem ser identificados e ser representativo da personalidade de um determinado grupo.

Esta relacionado com as crenças grupais – embora seja claramente distinto delas – que representam a vinculação e a solidariedade de indivíduos em relação a coletividades tais como aldeias, cidades, principados ou reinos em etapas anteriores de desenvolvimento social..(ELIAS, 1997, p. 143)

2.5.1. *Ethos Alemão*

O *ethos* alemão pode ser caracterizado como a consciência ou a crença na existência de valores que são representativos e aceitos como sendo considerados alemães. Com o passar dos séculos a consciência de uma cultura alemã se solidificou entre a população, fazendo com que a relação entre territorialidade e cidadania fosse deslocada para uma relação pátria x lar, a citação a seguir de Norbert Elias aborda a questão do *ethos* nacionalista, componente do conceito de pátria e lar, pertinente a pesquisa:

Ethos nacionalista subentende um sentido de solidariedade e obrigação, não apenas em relação a determinadas pessoas ou a uma única pessoa numa posição de mando, mas também com milhares ou milhões de outros indivíduos, coletividade essa que esta, *hic et nunc*, organizada num Estado – o que, de acordo com as crenças das pessoas envolvidas, assim virá a estar no futuro - e o apego pelo qual é mediado, através de símbolos especiais, alguns dos quais podem ser pessoas. Esses símbolos tipo usualmente chamado “amor”. ... “O amor de um indivíduo por uma nação nunca é um amor apenas por pessoas ou grupos de pessoas que a que se refere como “eles”; também é sempre o amor de uma coletividade a que o indivíduo se refere como “nós”. Seja o que possa ser, é também uma forma de amor-próprio. (ELIAS, 1997, p. 143)

Em Novo Paraíso nota-se que para os colonizadores ou entre os descendentes o elemento raça, sangue e etnia, ocupam um lugar bastante secundário, na sua auto-definição como alemães. Para eles, mais do que qualquer outro identificador, cabe a língua desempenhar esta função. A língua representa o elemento mais marcante ao pertencimento ao *ethos* alemão.

O *ethos* alemão pode ser entendido como o conjunto de características que identificam os alemães e seus descendentes, também pode ser entendido, como o elo que liga um povo a sua nação. Neste sentido, parece, que o *ethos* alemão é um conjunto de componentes de natureza étnico-cultural. O fator geográfico ou fator fronteiras geográficas, no caso, entra como uma variável aleatória. Logo, alguém é alemão não por ser cidadão da Alemanha, ou ter nascido em solo alemão. Da mesma forma, por ele ser cidadão brasileiro não faz com que ele deixe de ser alemão.

Nota-se em Novo Paraíso que os descendentes não parecem estar preocupados com a questão de como se relacionar com o estado brasileiro, em realidade, em momento algum os descendentes deixam de se identificar como brasileiros e gaúchos. A utilização, da língua alemã, hábitos e costumes tidos como alemães, não afetam a sua inserção na pátria brasileira.

O conceito de pertencimento ao Estado ou situação (*Staatsangehörigkeit*) onde um conjunto de pessoas interagem a base dos mesmos direitos e deveres, organizam-se a base de

propósitos comuns, de estratégias e de uma ação de natureza comunitária em que fatores como o étnico, o cultural, o religioso, a língua, são relevantes. O que interessa para os descendentes e colonizadores é como o modo de vida considerado como alemão se reproduz, de forma que a percepção de lar seja preservada.

Os habitantes da região cultivam o Kerb, a religiosidade, o parentesco e um sentimento de germanidade que os une através do dialeto comum, o hunsrück. (SCHNEIDER, 1999, p.102)

A língua alemã, a escrita, literatura e a música também podem ser consideradas como componentes do *ethos* alemão desde que sejam interpretados pelo grupo como sendo representativos. A ideia de uma cultura que ultrapassa as fronteiras geográficas, transposta para onde quer que estes indivíduos estejam reunidos como grupo é que torna a consciência de ser alemão o principal fator agregador da comunidade.

Uma das características mais comuns associadas às comunidades alemãs é o conceito do trabalho como representativo a todos os alemães, como se este fosse algo inerente aos indivíduos nascidos neste grupo social.

2.5.2. *Ethos do trabalho*

A apropriação do conceito de trabalho como extensivo a todos os membros pertencentes a uma etnia, tornando representativo de uma das faces do *ethos* alemão é uma das similitudes encontradas entre os colonizadores de Novo Paraíso e os de Dois Irmãos.

Nas palavras de Schneider:

O identifica a etnia germânica, sendo um de seus principais atributos. Esta característica ao mesmo tempo que identifica o grupo social entre si diferencia-o em relação aos demais. (SCHNEIDER, 1999, p.94)

2.5.3. *Ethos camponês*

A condição de agricultor ligado a uma colônia sendo esta um microcosmos, auto-suficiente na visão dos imigrantes, que possibilita suas relações com o mundo de forma similar a pequena aldeia, esta de certa forma no cerne de ser camponês.

Neste sentido Giralda Seyferth indenticou com o ethos camponês:

O que está em jogo aqui não é a falta de capacidade “empresarial” ou desprezo pelo lucro, mas um ethos camponês específico do colono que determina suas como “empresário” agrícola. Um ethos que tem como base justamente a colônia como um microcosmos que deve ser, na medida do possível, auto-suficiente. (SEYFERTH,1990,p. 22-26)

Parece-me que trabalhar o conceito de ethos alemão, do trabalho e camponês talvez seja a chave para a compreensão do processo de formação de identidade dos imigrantes alemães e seus descendentes, representando o caminho mais compreensível para que trace uma explicação em forma de processo contínuo de desenvolvimento dos indivíduos.

3. A problemática da identidade em Novo Paraíso (Colonizadores aos descendentes)

Não é possível analisar as mudanças no comportamento através dos anos, na comunidade Novo Paraíso, sem mencionar e situar esta comunidade em uma linha de tempo que vem até os dias atuais. Apresentando os primeiros colonizadores, a fundação, suas angústias, experiências e sonhos.

Uma comunidade não é composta apenas de uma relação única indivíduo/sociedade, mas de uma seqüência de fatos e ações que irão influenciar os indivíduos e estes influenciar o coletivo, da mesma forma com que são permeados pela idéia deste coletivo. História, hábitos e costumes estabelecem uma conexão com a representação que cada um faz de si mesmo e da sociedade em que vive.

A seguir para que se possa reconstituir a história de Novo Paraíso, sua fundação e a história dos colonizadores que ali se estabeleceram, temos que considerar que a rede de relações estruturada em espaço e posições está sendo constantemente trabalhada pelas contingências históricas, desta forma nosso estudo de caso precisará considerar a história da Alemanha, ainda que de forma sucinta, comecemos por Novo Paraíso.

3.1. Novo Paraíso

A provável fundação do pequeno vilarejo que viria a dar vida a cidade de Estrela dá-se no ano de 1856, sendo distante 92 quilômetros da capital Porto Alegre, em terras do Coronel Vitório Ribeiro.

Em 1862 a população ainda é pequena na comunidade, com apenas 317 habitantes, em sua maioria proveniente da colônia de São Leopoldo.

Em 18 de fevereiro de 1863, se inaugurava uma Capela Evangélica na comunidade Novo Paraíso, sendo a pequena povoação caminho entre o centro das atuais cidades de Estrela e Teutônia.

A principal atividade econômica era a agricultura destacando-se a produção de mandioca, milho, trigo, centeio, feijão e batatas.

Nota-se o sistema produtivo que os imigrantes alemães introduziram no Rio Grande do Sul, especificamente na colônia de Novo Paraíso, ajudou a moldar a sua própria identidade, criando símbolos de sua presença na comunidade.

3.2. Sistema produtivo em Novo Paraíso

O modo produtivo implementado pelos portugueses diferia muito do qual os Alemães estavam acostumados. Segundo Verardi:

Duas formas de distribuição das terras, as sesmarias eram destinadas às estâncias de criação de gado, distribuídas a militares ou aos que detinham recursos suficientes para estabelecerem-se como estancieiros, forma extensiva de povoamento e de exploração econômica. As datas eram pequenas extensões de terra (aproximadamente 272 hectares), destinadas a atividade agrícola familiar, resultando, em curto espaço de tempo, em vilas e cidades. (FIALHO, 2005, p. 32)

As terras destinadas aos alemães, quando comparadas ao sistema português, se assemelhavam a sítios, não ultrapassando os 25 hectares. Os colonizadores alemães passaram a produzir uma agricultura de subsistência em suas terras, característica da agricultura familiar.

Ressalte-se que o sistema de distribuição dos lotes aos colonos, que muitas vezes era efetuado através de uma picada inicial aberta na floresta, interceptada por “travessões”, ou como dito na colônia, linhas, era o ponto de partida da demarcação destes lotes. A forma como estes lotes iam sendo demarcados permitia a aproximação entre os colonizadores, que tendiam a concentrar suas moradias próximas uns dos outros. A pequena propriedade é a marca do sistema colonial implantado pelos colonizadores alemães.

Em Novo Paraíso os primeiros colonizadores, seguindo esta tendência, colocavam suas moradias próximas às fontes de água. Não faltam exemplos das casas de colonizadores, hoje em ruínas, próximas a uma fonte de água.

Nota-se também que havia concentrações de residências nas proximidades da Igreja e da escola. Parece que o próprio conceito de comunidade está vinculado a ideia de existir uma igreja, um escola, um cemitério e quando possível um pequeno salão para o *Kerb*.

3.3. Pequena propriedade produtora

Em Novo Paraíso é possível notar-se que cada espaço é ocupado com plantações, quer seja de milho, aipim, soja, trigo e pequenas hortas com hortaliças. Além disso, encontram-se ainda pomares de frutas.

Isto faz pensar que o desejo de não passar fome pautou o sistema produtivo dos pequenos agricultores, conforme relato a seguir:

“Nós agricultores sempre temos a lembrança de nossos antepassados, a fome que eles passaram não pode se repetir, saber quem cuida da terra não passa fome, pode ser que não enriqueça, mas não falta nada para os filhos e a família” (Agricultor, 35 anos).

A pequena propriedade produtora é estabelecida nos moldes da policultura, no qual o trabalho diário do agricultor é efetuado pela família. As tarefas são divididas e este sistema sustenta a agricultura familiar tanto nos tempos da imigração como nos dias de hoje.

Se hoje, muitas das famílias têm seus filhos fazendo faculdade e seguindo profissões que não necessariamente ligadas ao campo, praticamente todos os que passaram por Novo Paraíso em algum momento trabalharam na lida das pequenas propriedades agricultoras.

A valoração de coisas da terra, como a *Schmia* (do original alemão mistura), a *Kuchen* (cuca), o pão de aipim e ou batata, a nata, o queijo, o leite e o *Brockwurst* (lingüiça), estão sempre presentes na mesa dos agricultores. A mesa farta é motivo de orgulho, mas também de identificação, pois é na mesa que muitas vezes a família se reúne para conversar, falar sobre as coisas que estão acontecendo a cada um. Ali transita o cotidiano.

Neste sentido explica Giralda Seyferth:

Variedade dos produtos cultivados, somada a dos tipos de criação e produtos dela derivados, dá “quase” auto-suficiência alimentar”. O lucro dos excedentes, vendidos exclusivamente para o comércio, é utilizado na reposição de equipamentos agrícolas, roupas, melhoramento da casa, estábulos, cercas, eventualmente para comprar terra ou casa para os filhos (SEYFERTH, 1990,p.35).

Os descendentes dos colonizadores alemães costumam comentar as dificuldades com que seus antepassados tinham em produzir, de se sustentar através apenas da agricultura. Muitos relatam que não sabiam utilizar corretamente os herbicidas, adubar a terra e ainda, que a produção nunca era suficiente para formar um excedente que pudesse ser considerado como poupança.

3.4. Agricultor x produtor rural

Nota-se que as linhas de crédito do governo federal, como o PRONAF (Programa Nacional da Agricultura Familiar), contribuíram para evolução no sistema produtivo da colônia.

Nesta linha de crédito, devido à necessidade de fiadores ou avalistas, há costume de um agricultor avalizar o outro para que possa ter acesso ao crédito junto à instituição bancária. Desta forma pode notar que a solidariedade que existia entre os primeiros colonizadores continua existindo entre descendentes.

Com a entrada da produção integrada, caracterizada pela especialização técnica, os agricultores tiveram que ser, em certa medida, treinados para produzir sobre as normas e diretrizes colocadas pelos grandes grupos nacionais. A tecnificação da produção é evidente, visando sempre o binômio produzir mais com menor custo, à procura de uma lucratividade maior.

Em contrapartida passam a ter acesso a recursos financeiros que anteriormente não eram capazes de possuir. Muitos dos produtores de Novo Paraíso estão, atualmente, produzindo aves ou suínos de forma integrada. A partir da possibilidade de acesso a estas linhas de crédito, e conseqüentemente melhoria nos meios de produção, percebe-se a melhoria nas condições de vida de modo que muitos tiveram acesso a bens de consumo, além de casas melhores, também carros, motos e tratores.

Atualmente a maioria dos aviários já opera de forma semi-automatizada praticamente sem utilizar o trabalho braçal. As inovações tecnológicas são rapidamente incorporadas nas granjas, e em geral são apresentadas pelos técnicos das empresas, que regularmente visitam as granjas, por vendedores credenciados pela empresa produtora, ou ainda, através de feiras agrícolas que os produtores participam.

O sistema bancário, a indústria e a empresa produtora possuem interesse que o agricultor/produtor esteja constantemente em contato com estas inovações. Há em certa medida um sistema econômico vinculado e dependente do produtor.

3.5. Evolução da produção na colônia

A melhoria na qualidade de vida dos descendentes de imigrantes iniciou-se a partir dos anos 80, com maior nos anos 90.

Em um primeiro momento os imigrantes buscam a produção agrícola de forma a suprir os bens básicos para a sobrevivência. Em seguida conseguiam, ainda que produzindo com poucos avanços tecnológicos, obter um excedente que era negociado e era utilizado para melhoria dos implementos agrícolas. Por final, tem início a produção vinculada a grandes conglomerados empresariais e a partir deste momento começa a existir um excedente

econômico que justifica as melhorias que serão implementadas nas fazendas, e além disso da formação de poupança.

Com a melhoria econômica as crianças começam a ter acesso ao estudo, evoluindo para o ensino médio e posteriormente para a faculdade. Para a maioria dos pais é um orgulho ter os filhos formados na faculdade. Observa-se que os filhos se tornam advogados, contadores, professores, dentistas entre outros.

Nota-se que a maioria dos filhos emigrou para outras cidades, como: Porto Alegre, Lajeado ou Novo Hamburgo, buscando melhores alternativas de trabalho. Assim percebe-se que os filhos agora já não estão ficando em casa como anteriormente, passam a estudar e morar fora, a vida na fazenda vai ficando vinculada aos mais novos, que ainda não podem sair de casa e principalmente aos pais que vão tocando a lida nas pequenas fazendas.

3.6. Pluriatividade

A característica da pluriatividade é forte entre os habitantes de Novo Paraíso. As famílias para não dependerem de uma única fonte de renda diversificam a produção, mantendo concomitantemente as granjas de frango, produção de leite e pequenas lavouras. Deste modo, possuem diversificadas fontes de renda para suprir necessidades financeiras e superar eventuais crises de um ou outro setor econômico.

Mesmo que a produção da granja esteja proporcionando ótimos lucros, praticamente todas as famílias da comunidade possuem outras atividades econômicas como pequenas hortas e a produção de animais para abate e consumo próprio. Nota-se que os animais produzidos nos aviários não são consumidos pelos agricultores.

Giralda Seyferth comenta:

O que esta em jogo aqui não é a falta de capacidade “empresarial” ou o desprezo pelo lucro, mas um ethos camponês específico do colono que determina suas ações como “empresário” agrícola. Um ethos que tem como base justamente a colônia como um microcosmo que deve ser, na medida do possível, auto-suficiente (SEYFERTH, 1990, p.22-26).

Neste sentido se insere a produção de leite, que apesar a de menor valor agregado, esta presente, praticamente, em todas as propriedades porque traz uma renda fixa mensal. Isto faz com que o agricultor acorde cedo, em torno das 4h30 da manhã, sendo que marido e mulher ordenham as vacas e após seguem para o café com os filhos.

Uma outra vantagem da produção de leite é que ele era único produto agrícola que garantia à família uma renda mensal regular. (SCHNEIDER, 1999, p.61)

Hoje muitos dos filhos estão trabalhando na cidade em tempo parcial, no outro tempo estudam, quando retornam para casa ajudam nos afazeres do campo, como ordenhar as vacas à tarde, em torno das 18h30. O tempo não para na zona rural a criação demanda todos os dias os mesmos cuidados. Estas famílias trabalham em conjunto de forma que alguns membros possam descansar enquanto outros estão trabalhando.

A característica da Pluriatividade é destacada a seguir:

Pluriatividade no meio rural do Rio Grande do Sul, que é definido como um fenômeno que se caracteriza pela combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas por pessoas que pertencem a uma mesma unidade familiar. A família é considerada pluriativa quando pelo menos um de seus membros realiza esta combinação de atividades (SCHNEIDER;MATTOS, ano?, p. 6)

Parece que a pluriatividade estrutura o sistema, pois permite que as famílias tenham uma estabilidade financeira não obtida em outros tempos quando dependiam de uma ou duas lavouras por ano. Nos dias de hoje as famílias podem programar seus gastos a partir destas diversas fontes de renda e que não são sazonais, mas duram o ano todo.

3.7. A produção de suínos e aves

A comunidade de Novo Paraíso tem sua atividade econômica predominante vinculada a indústria animal: sendo a criação de frangos e suínos a que melhor apresenta resultados econômicos, a indústria do leite vem em seguida mas com menor percentual na participação da renda familiar.

Conforme pudemos auferir no contato com um dos produtores fica claro o motivo para a diferença de representatividade entre suínos e frangos em relação a produção leiteira.

Conforme um produtor rural:

“Quando iniciamos a produção em meados da década de 90, financiamos junto a empresa, naquela época Avipal, um galpão para produção de frangos. Naquela época produzíamos em torno de 3 a 7 mil frangos por período (o tempo de produção é de 2 meses, dependendo o tempo de abate que a empresa deseja), com esta produção inicial conseguíamos pagar o financiamento com a empresa, e ainda manter a casa, para nos

*era algo muito importante ter a receber um valor certo a cada dois ou três meses”
(produtor rural, 46 anos)*

As empresas Frangosul e Avipal possuem diversos agricultores de Novo Paraíso, vinculados a um tipo de produção integrada.

O banco como parceiro detentor do capital financia a empresa produtora possuidora do conhecimento técnico (tecnologia) necessária a produção, e os pequenos agricultores detentores do trabalho. Nesta relação os agricultores nunca são detentores da tecnologia necessária para a produção de maneira independente da empresa fornecedora e do capital dos agentes financeiros como detentores do capital necessário a produção.

“A cada dois ou três meses os técnicos da empresa vistoriam nossas instalações para verificar se as mesmas estão de acordo com as normas técnicas estabelecidas pela empresa, uma ou duas vezes por ano, técnicos da França passam por aqui, sabe, certa vez a ração que estava sendo fornecida pela fabrica brasileira não esta igual como eles mandavam e então eles ficaram muito zangados”. (produtor rural 46 anos)

Percebe-se que os produtores não têm domínio absoluto sobre a tecnologia necessária às produções dos animais, como podem ver a seguir:

“Não temos uma idéia, mas não sei exatamente o que contem a ração, só sabemos que os animais se desenvolvem muito mais rapidamente do que quando os produzimos no método normal, com milho”. (produtor rural, 35 anos)

Uma unidade de produção integrada de frangos, de porte médio, como a de nosso interlocutor, com dois galpões de 120 metros cada, alcança uma produção aproximada de 42 mil frangos. Que rendem o valor liquido de R\$ 11 mil reais ao produtor a cada período de dois meses. Este mesmo produtor também possuía em torno de 60 vacas, que lhe rendiam um valor complementar de R\$ 1,5 mil por mês.

Ressalte-se que este produtor tem muito de seus custos com alimentação reduzidos devido à produção de porcos e bois para o abate e consumo próprio. O restante da cesta de alimentação é adquirido junto a um supermercado da cidade.

As melhorias podem ser vistas no texto a seguir:

“A produção dos frangos mudou tudo em nossa vida, antes dela o dinheiro era muito escasso aqui em Novo Paraíso, um trator era quase impossível, haviam pouquíssimos, quase tudo era feito através da carroça de bois. Meu filho, trabalhar a terra sem um trator é muito penoso, acaba com o homem. Hoje temos a produção de leite para compor nossas despesas mensais, com a criação para consumo próprio, água e luz e a produção dos frangos paga as contas e ajuda na escola dos filhos”. (produtora rural, 43 anos)

O nível universitário está sendo alcançado por praticamente todo o universo da entrevista, contrastando com os mais velhos que não na maioria não ultrapassam o nível fundamental, em algum caso raro alcança o nível secundário, sendo que destes somente ouvi falar. Muitos dos filhos dos produtores de Novo Paraíso trabalham em tempo parcial na cidade, com o intuito de custear parcialmente seus estudos.

A pluriatividade potencializa essa diversidade social e espacial. De fato, ela constitui-se em um dos principais atributos dos espaços peri-urbanos porque ela cria uma estrutura social e econômica que permite ao habitante deste espaço “manter um pé no campo e outro na cidade”. (SCHNEIDER, 1999, p.131)

Atualmente, os aviários são semi-automatizados, os comedores são abastecidos automaticamente, cabe ao produtor seguir os ditames da fábrica e manter as máquinas ligadas e controlar temperatura e demais condições ambientais do aviário para que a produção se desenvolva, como se fosse, de uma forma simplificada um síndico.

O arranjo produtivo está vinculado ao acesso à tecnologia, e esta se encontra disponível nas diversas feiras que ocorrem no município ou na região, para aquisição dos produtores, todas com o selo de qualidade e aceitação da empresa produtora.

4. Identidade, da Alemanha a Novo Paraíso

4.1. Como ser Alemão e Brasileiro

Os colonizadores alemães que se estabeleceram em terras brasileiras possuíam claramente uma percepção formada de o que os identificava como alemães era algo que não estava ligado a simplesmente a uma dimensão territorial.

A diferença entre o significado das palavras pátria em idioma alemão: “*Vaterland*” (terra do pai) e “*Heimat*” (lar) são interessantes podendo fornecer algumas pistas sobre a formação da identidade dos colonizadores.

Vaterland (terra do pai) identifica uma unidade territorial que na Alemanha, como sabemos estava sendo definido pelo processo unificador, e *Heimat* (pátria do lar), possuído uma vinculação com o conceito de lar, de casa, que pode ser socialmente construído em qualquer lugar, desde que se leve junto um conjunto de hábitos, costumes, crenças e formas de ver e interpretar o mundo que possam ser considerados como germânicas.

“*Meine heim is meine heimat*”, significa minha casa é meu lar. Esta frase estava escrita na sala de uma família de descendentes de alemães que, conforme informado havia sido talhado pelo avô do avô do imigrante.

Para os imigrantes que se encontravam longe da pátria Alemã, lhes restava a consciência de serem pertencentes a uma cultura, que independente do território onde estivessem, os acompanhava, como característica de seu modo de vida, de entender o mundo e de se representarem a si mesmos. A imagem feita deles mesmos passa a ser um forte componente de ligação entre as pessoas, a língua, a religião e principalmente a consciência do que é ser alemão.

O conceito de “Germanicidade” entende que o povo alemão não precisa estar ligado um território específico, ou a um Estado. O povo alemão existe desde que se possa encontrar uma solidariedade entre todos eles, uma “*Volksgemeinschaft*” (comunidade do povo), propiciada pela visão comum “*Weltanschauung*” (visão do mundo).

A formação da identidade destes imigrantes e seus descendentes, temos de modo simplificado uma comunidade com características étnicas que a identificam e seus membros se identificam com ela: a língua, a religião, o “*ethos* do trabalho, costumes e festas populares como *Kerbs* e *Oktoberfest*.”

Nesse sentido Giralda Seyferth escreve:

O conceito de etnicidade envolve diversas dimensões. Em alguns casos, aparece definida como uma idéia política, um princípio mobilizador de interesses de grupos específicos... no sentido que define limites grupais(..). a etnicidade é vista como uma qualidade da qual se participa, e que expressa a ênfase na atribuição dos membros do grupo étnico.” (Giralda Seyferth, A representação do trabalho alemão)

Há uma dualidade que influencia o processo de identidade da comunidade de Novo Paraíso, pois como herdeiro do conceito de “Germanicidade” pertencem a nação alemã, ao mesmo tempo territorialmente são também brasileiros.

Conforme Giralda Seyferth:

Os cidadãos brasileiros de origem alemã, através dos sacrifícios e ações dos seus antepassados e do seu próprio trabalho pelo desenvolvimento desta terra, adquiriram o direito total de pátria (*vaterland*), tal como os cidadãos de ascendência portuguesa, italiana, ou outra” – “*Der Urwaldsbote* ano 45 nr. 7, 23/7/39 - *Gedenknummer zum* “Dia do Colono”). (SEYFERTH, 1990, p. 23)

A dualidade entre ser brasileiro e ser alemão, entre ser colono de uma nação alemã e seus descendentes serem brasileiros em um estado territorial do Brasil, mas com características da nação alemã, pautam todo o processo de formação da nova identidade do descendente, a partir do momento que a língua alemã começa a perder espaço para a língua portuguesa, a identificação do que é ser alemão é resignificada como um novo tipo de brasileiro.

Para que possamos compreender melhor a situação da chegada destas famílias a Novo Paraíso é necessário situar o mundo de onde estas pessoas estavam imigrando, bem como o que visualizavam como futuro e tendo como parâmetro a situação presente em seu país de origem e ainda o que motivou a vinda destes imigrantes para terras brasileiras.

4.2. A Alemanha: história e processos de formação de identidade

A palavra Alemanha tinha um sentido diferente para os colonizadores da época do que tem hoje, para ser compreendido melhor precisa se fazer uma breve incursão na história alemã, no processo de formação do Estado alemão à época.

O povo alemão surgiu num processo que se estendeu por vários séculos, e suas origens se estendem no tempo. O significado de “*Deutschland*” (Alemanha) compõe-se de dois elementos: *Land* (terra) e *Deutsch* (alemã).

Já o nome Germânia é derivado do alemão “*Gehrmann*” ou “*Wehrmann*”, que significa “homem de guerra” ou “homem de lança”.

Este estado durou de 911 até 1806, assim constituía-se o Sacro Império Romano de Nação Germânica, uma monarquia eletiva, em que o rei era escolhido pela alta nobreza. Não havia capital do império, o governo era itinerante.

A imagem que os alemães tinham de si mesmos como alemães era profundamente afetada por essa impotência multissecular do seu país. Entre eles, sua contínua identificação como alemães, e a relativa fraqueza da Alemanha, reforçaram o caráter onírico da auto-imagem alemã e a aura de irrealidade que frequentemente a cercou. Assim, foi promovida a tendência para construir uma imagem ideal da Alemanha, um “nós-ideal”. (ELIAS, 1997, p.284)

A Alemanha no período entre 911 e 1806 era governada por príncipes que possuíam formalmente o imperador como autoridade suprema, mas que só se submetiam a força e na maior parte das vezes agindo conforme seus interesses locais em detrimento de um pensamento nacional.

Nesta sociedade os altos cargos do governo, militares e da nobreza eram primazias dos filhos da nobreza, a população em geral cabia as funções apartadas das relações do poder. Em uma estrutura social os canais de ascendência são praticamente inexistentes para as classes inferiorizadas nos sistema de poder.

4.2.1. *As relações formalidade x informalidade e cultura x civilização no estado alemão*

Para Norbert Elias em os Alemães, há uma forte relação entre formalidade informalidade neste tipo de sociedade, onde as classes não identificadas como dominantes possuem toda uma relação fortemente pautada pela formalidade quando se relacionam com as autoridades desta sociedade de maneira a evidenciar a submissão de sua classe a outra. Obedecer às autoridades não é uma opção e sim uma condição *sine qua non* dentro desta sociedade.

Estas características podem ser vistas no texto de Norbert Elias:

As elites da classe média encaravam o sistema político como um espaço de humilhação para si, não havia espaço para ser ocupada pelos filhos que não eram provenientes da nobreza. Em contrapartida o espaço formado pela “*Kultur*” alemã esta disponível, um espaço onde podiam exercer suas posições de controle e representatividade social. Para muitos membros das classes médias alemãs educadas, “cultura” continuou representando um domínio de afastamento e de liberdade das pressões insatisfatórias de um Estado que lhe outorgava a posição de cidadãos de segunda classe, em comparação com a nobreza privilegiada, e lhes negava acesso à maioria das posições de liderança no Estado e as responsabilidades, ao poder e ao presságio associados a essas posições. (ELIAS, 1997, p. 123)

O significado do termo cultura no século XVIII possui uma conotação diferente das dos dias atuais. Não podemos nos esquecer que na sociedade daquela época, tanto quanto na atual, havia uma necessidade de significação pessoal, que faz parte de uma tradição cultural, mais da burguesia do que da classe trabalhadora e é muitas vezes satisfeita com a dedicação à política, a igreja ou a um espaço de comando como, por exemplo, uma sociedade de tiro, muito comum nas comunidades alemãs.

Em uma sociedade autocrática como a alemã daquele tempo, onde o desequilíbrio entre a relação de poder pendia em direção a uma aristocracia militar e agrária, em contrapartida a uma burguesia urbana, possibilitava a tomada de decisão a respeito dos rumos da nação quase que praticamente baseada nos interesses da nobreza. Interpretando as palavras de Elias: a Prússia encontrava-se constantemente em guerra com seus vizinhos, as fronteiras eram difíceis de serem defendidas e a situação de guerra era constante no país. A migração das elites guerreiras para o exército regular com fins a defesa do país já havia sido institucionalizadas pelo Rei, de forma que os principais cargos eram ocupados pela aristocracia guerreira.

O ideal alemão, o código alemão de comportamento, não fez concessões às fraquezas e imperfeições humanas. Suas exigências eram absolutas e inflexíveis. Somente a mais total obediência às suas normas era capaz de proporcionar satisfação. (ELIAS, 1997, p. 289)

Na estrutura social da Alemanha Imperial, não havia espaço para a contestação das normas e ditames estabelecidos pelo dirigente do país, e esta forma de governar, sem a participação da grande camada da população havia, se institucionalizado de forma muito mais eficaz na Alemanha do que em outros países. Em certa medida, não seguir o estabelecido não era aceito como um ato de mudança para melhor, mas sim de anarquia.

As relações sociais eram muito formais nesta sociedade, sendo que entre as autoridades e classes dominantes se davam de forma a sempre se denotar a submissão de atores sociais menos privilegiados. Esta forma institucionalizada, típica da época, mas que na Alemanha apresentava mais força devido às particularidades com que o estado havia se estabelecido (nobreza guerreira, estado de guerra constante, desequilíbrio entre cidades e campo) pode ser mais facilmente percebida na passagem a seguir, em um diálogo entre o pai de Mozart enquanto suplente de “*Kappelmeister*” (subdiretor musical) da corte de Salzburgo e o Arcebispo para promoção ao cargo de *Kappelmeister* pela morte do titular.

“ Vossa Clementissima Alteza!

Digníssimo Príncipe do Sacro Império Romano!

Genorossimo Príncipe do Reino e Soberano Senhor!

Humildemente me prostro a Vossos pés, Clementissima Alteza, e vendo que o Kappelmeister Lolli passou a eternidade, que ele percebeu somente o salário de um Kappelmeister suplente, que como Vossa Clementissima Alteza sabe, venho servindo a este digníssimo Arcebispado a 38 anos, e que, desde o ano de 1763, ou seja há 15 anos, estive desempenhando a ainda desempenho sem censuras como Kappelmeister suplente a maioria dos serviços requeridos e, na verdade, quase todos eles, humildemente suplico a Vossa Clementissima Alteza que me permita recomendar-me a Vossa Eminência e subscrever com a mais profunda reverencia.

O mais humilde e obediente servo da

Clementissima Alteza,

Clementissimo Príncipe do Reino

e soberano Senhor”

Leopold Mozart

Com esta passagem se deseja exemplificar como as relações sociais encontravam-se engessadas, não apenas no aspecto estrutural de ascendência dos indivíduos entre as classes, mas principalmente pela interiorização de preceitos de formalização de submissão que deviam ser seguidos estritamente no contato com as classes dominantes, de forma a não haver uma quebra nas relações formais.

A maneira como o texto é escrito demonstra em todos os momentos a submissão de uma parte à outra. Esta característica fundamenta um habitus coletivo de submissão, aceito e interiorizado como correto no trato entre as classes sociais. A informalidade fica restrita ao grupo familiar, aos amigos ou ao grupo social a que pertence. Em um segundo momento esta informalidade pode ser identificada entre os colonizados não se estendendo aos outros que não pertencem a este grupo.

A relação formalidade informalidade é característica destaque na noção de processo civilizador, neste gradiente de relações de interesses, objetivos e detrimento de poder entre governantes e governados e como ocorre a transformação de comportamento. Ressalte-se a contribuição que este conceito propicia a partir do momento que se pode entender que este

primeiro colonizador pertencia a um mundo muito diferente do atual, onde na maioria das vezes, encontrava-se alijado das decisões administrativas, seja da cidade onde residia do país ou mesmo da Igreja. Assim portava-se de forma a aceitá-las e para isso existia uma forma socialmente aceita de comunicação entre os governantes e os governados.

Na fragmentada Alemanha em processo de unificação, onde se buscava identificar com clareza o que seria ser um alemão, em detrimento de ser bávaro, prussiano ou saxão. Um conceito de “cultura” alemã que começa a cimentar a identidade dos alemães, surge então uma percepção do mundo ou como diz Norbert Elias “*Weltanschauung*”, que significa visão do mundo, onde se sabia que ser alemão tinha grande valia, mas qual era este valor ainda era vago. Política e militarmente a Alemanha ainda era fraca, mas no ambiente da cultura ou “*Kultur*”, haviam grandes feitos na ciência, literatura, filosofia e música.

Os conceitos de “*Zivilisation*” e “*Kultur*” caminham paralelamente na sociedade alemã, a argumentação de Norbert Elias na obra os alemães traz na proporção em que se solidifica o poder das camadas sociais em benefício do qual o processo civilizatório se fez, temos a expansão e interpretação de sua visão de mundo enquanto nação como um todo. O *ethos* de obediência militar e trabalho são estendidos a um tipo de “nós-ideal”. A uma interpretação onírica do que seja ser alemão e principalmente nas formas que se utiliza para identificar alguém como pertencente a este grupo.

4.3. Cartas do passado, desenvolvendo uma identidade

Nas conversas com os descendentes dos colonizadores a história das dificuldades que os antepassados vivenciaram é recorrente, lembrando que os primeiros colonizadores precisavam trabalhar incessantemente para sobreviver e vencer as dificuldades encontradas nas novas terras. Abaixo transcrevo uma das cartas escritas na época da chegada dos primeiros imigrantes, no estado do Rio Grande do Sul.

“Eu Heinrich Fauth, nasci em Kreuznach, no dia 29 de julho de 1823, na província de Koblenz, no reino da Prússia, na Europa, e, o dia 19 de agosto de 1825, os meus pais emigraram para o Brasil, com 4 filhos, e eu tinha 2 anos de idade. Eles ficaram um ano no Rio de Janeiro, onde meu pai estava acamado, durante 8 meses, doente. Em 1826, chegamos a velha Feitoria, quando então, recebemos uma colônia em Kaiserwald, uma hora distante de São Leopoldo(..). São Leopoldo naquela época consistia apenas de uma choupana de palha, que pertencia a um alemão chamado Rasch...” Memória de Heirinch Fauth (site colono.com.br)

O RS neste momento estava vivendo a Revolução Farroupilha (1835-1845), com a consequente efervescência política característica de um processo de revolução. Paralelamente seguia o processo de colonização do estado com o assentamento das famílias alemãs. O apoio a estes imigrantes caracterizava-se praticamente a destinação a um lote de terra virgem que deveria ser aberto e trabalhado pelo imigrante.

Meu primeiro ganho foi de dois vinténs, por dia, com a enxada. Imaginem, queridos filhos, trabalhar o dia inteiro, no sol quente, por dois vitens. Por ganha o dinheiro tão árdua e lentamente, eu aprendi a conhecer o valor do dinheiro. Eu tive de começar pequeno, porque no pequeno esta a semente do grande. Tudo começou de indícios pequenos, mesmo a cristandade, que abrange o mundo inteiro. Naquele tempo, eu vivia com um ganho de dois vinténs e trabalhava e me organizava, assim que eu não precisava mais passar fome, e agora podia tomar minha garrafa de vinho ou cerveja sem escrúpulos” Memórias de Heinrich Fauth (site colono.com.br).

Como pode visto nesta época poucas alternativas restavam a estes primeiros imigrantes. A realidade era outra não estamos mais na Prússia, com suas cidades e uma sociedade hierarquizada, onde a decisão pelos rumos do Estado estava alijada de grande massa da população, pertencendo à nobreza.

Os colonizadores passam a ser responsáveis pela sua própria condução no Estado Brasileiro.

Os imigrantes se encontravam em um país estranho, com outra língua e costumes, em meio a uma revolução e colocados em suas terras praticamente sem nenhum apoio a não ser o seu próprio esforço individual. Trabalhar tornava-se se a única alternativa de sobrevivência para não perecer perante as adversidades.

O fortalecimento do “*ethos* do trabalho” não era uma condição apenas de reafirmação de ser alemão, mas única possibilidade de propiciar um futuro melhor aos filhos e descendentes.

No momento da tomada de decisão por imigrar a fome e a guerra estava presente na vida daquelas pessoas, o pensamento no futuro e de melhoria de vida.

O novo mundo para estas famílias de imigrantes era desconhecido, mas trazia em si a idéia de uma vida melhor, onde pudessem construir um lar.

Os colonizadores perderam a pátria territorial, a casa seria seu novo lar, Alemanha ficara para trás, as lembranças e vivencias agora distantes em uma pátria que não conseguia mais suprir as necessidades de sobrevivência e o conceito de sonhos para o futuro e passam a buscar uma nova vida, uma vida que agora se construirá sobre bases não conhecidas.

Em níveis mais incipientes do desenvolvimento social, as pessoas tinham inteiramente como acesse o seu próprio modo de vida e as suas vidas próprias convenções sociais. Só muito mais tarde no desenvolvimento da humanidade em especial em nosso próprio tempo, quando as pessoas adquiriram uma consciência cada vez maior de que os padrões de vida humana são sumamente diversos e mutáveis. (ELIAS, 1997, p.42)

4.4. Novo Paraíso, um novo lar

A ideia que não há um corte no tempo no processo de formação de identidade das pessoas, pauta este ensaio, tentamos seguir os passos de Elias, apresentando que os habitus individuais formam-se através das vivências dos indivíduos em sociedade permeando o tecido social e influenciando-se mutuamente na formação da identidade como grupo, habitus coletivo e como indivíduos.

O colonizadores vindos da Alemanha, em geral provenientes de grandes centros urbanos, ainda que trabalhando em seus arredores como agricultores, vem se estabelecer em uma terra inóspita e a ser desbravada.

A partir do relato das famílias que colonizarão a região de Novo Paraíso, que fica geograficamente localizada entre a colônia de Estrela e Teutônia, funcionando como um dos elos de ligação entre ambas. Tudo era mato, tudo foi aberto a braço, não haviam nem máquinas e nem ferramentas adequadas. A união familiar, a trabalho em conjunto com outras famílias de colonizadores e a Igreja eram os laços entre que mantinham a chama da esperança em dias melhores apesar das difíceis condições de vida.

A maioria dos colonizadores de Novo Paraíso vieram de regiões setentrionais da Alemanha como Oberschelesien, Schlesien e Brandenburgo e os da Pomerania e juntaram-se a colonizadores provenientes de outros estados alemães ou mesmo da colônia de São Leopoldo.

As dificuldades de sobrevivência na nova colônia fizeram que diferenças que existiam entre as regiões ficassem em segundo plano frente à vontade de construir um novo lar. A vontade de trabalhar era característica dos colonizadores, e também única alternativa para suprir as necessidades básicas, como alimentação e moradia. Assim, em grupo, iniciaram a construção da Igreja, a escola para as crianças e criou-se uma comunidade.

A igreja constituía o porto seguro dos colonizadores, onde era possível confiar em alguém diante da ausência do estado. Não é por coincidência que as primeiras escolas são vinculadas as congregações religiosas.

Neste contexto os próprios colonizadores de Novo Paraíso abriram as estradas e as construíram as pontes. As fotos em anexo mostram as dificuldades enfrentadas na década 60, o trabalho em grupo da comunidade sem a utilização de máquinas.

Atualmente, entre os descendentes nota-se que o *ethos* do trabalho, a religião, e as tradições germânicas estão presentes no dia-a-dia. Muitos ainda utilizam o idioma alemão como meio de comunicação principal, alguns comentam que é mais fácil se expressar em alemão visto que neste idioma se compreende melhor o que se está falando.

Em Novo Paraíso, hoje, existem duas comunidades: a Católica e a Luterana, sendo que a Católica é bem maior em número de membros do que a Protestante. É interessante frisar que ambas convivem em harmonia não se notando disputa entre os membros das congregações.

Não há subprefeito na comunidade, em realidade o espaço de mediação entre os conflitos na comunidade é feito no âmbito do STR - Sindicato dos Trabalhadores Rurais ou na Igreja Católica ou Luterana.

Em Novo Paraíso fica clara a tensão existente entre residir na zona rural e residir na zona urbana. Dez quilômetros separam novo paraíso do centro de Estrela, através de estrada asfaltada e bem pavimentada, mas na consciência das pessoas a distância é bem maior. Existe a distância entre alguém que trabalha no campo, que é colono, termo muitas vezes empregado de modo pejorativo e, do outro lado, o trabalhador da cidade.

Neste contexto, os descendentes acreditam que a agricultura não faz riqueza, mas que ninguém passa fome. Contudo as condições econômicas somente passaram a melhorar a partir do momento que se iniciou a produção integrada, que abordaremos no próximo capítulo.

Nota-se que por muito tempo as pessoas tiveram grandes restrições em seus orçamentos. As condições econômicas na zona rural, antes do advento da produção rural vinculada a agroindústria não permitia aos agricultores terem renda suficiente para obterem acesso a produtos da sociedade de consumo que não fossem gêneros de primeira necessidade para subsistência.

O trabalho na cidade permitia a obtenção de um padrão de vida mais elevado, associado à produção de bens e serviços na indústria e ao comércio. O trabalho assalariado, as garantias trabalhistas e previdenciárias, eram um atrativo para deixar o campo até meados da década de 90. Acreditava-se que viver na cidade era melhor.

Os descendentes dos colonizadores de Novo Paraíso possuem as mesmas origens dos habitantes da zona urbana da cidade Estrela, mas desenvolveram um processo de formação de sua identidade que seguiu por caminhos diferentes.

Com advento da produção integrada e a conseqüente melhoria das condições financeiras devido à melhor remuneração pelo trabalho vinculada à produção rural, os habitantes de Novo Paraíso passaram a se identificar como produtores rurais.

Os melhores recursos financeiros possibilitaram o acesso à Internet, ao telefone, aos televisores, às máquinas e aos implementos agrícolas, substituem o trabalho braçal e animais e principalmente, que os filhos pudessem estudar e muitas vezes até cursar as universidades.

“Hoje precisamos administrar a propriedade pensando no futuro, conservar as tradições, mas cientes de que a tecnologia é importante para podermos aumentar a produção e a rentabilidade, sempre assisto ao Globo Rural e ao Canal Rural e frequentamos as feiras para sabermos o que há de novo. Antigamente se produzia só com a tradição de pai para filho, hoje precisamos saber o que há de novo, qual a melhor tecnologia. Eu mesmo não sei usar computador, mas meus filhos usam e agora temos até a Internet” (Produtor rural, 46 anos)

4.5. Os processos de ser alemão em Novo Paraíso

Em Novo Paraíso, a consciência de ser alemão parece estar associada à reprodução de certos hábitos e costumes interpretados como sendo representativos da comunidade, sem deixar de lado a Igreja. Entre os hábitos está o *Kerb* (festa típica), os campeonatos entre comunidades, os jogos *Schafkopf* (popular jogo de cartas alemão com origem no século XVI), e a canastra (jogo de cartas de origem uruguaia), ocupam o espaço social destinado à diversão, espaço este que serve cada vez mais para identificar alguém como pertencente à comunidade de Novo Paraíso.

4.5.1. Igreja

A religiosidade é importante para os habitantes de Novo Paraíso e ir ao culto ou à missa faz parte dos compromissos semanais. Anualmente, no dia do padroeiro, costuma-se fazer uma festa em comemoração a sua data que é chamada de *Kerb*. Como cada comunidade possui um santo diferente não há sobreposição de datas festivas.

Também é comemorado o dia de Ação de Graças, quando as famílias rendem oferendas na missa e depois em almoço festivo pelas bênçãos recebidas. Geralmente nesta

missa as crianças levam os frutos da terra como oferenda a Deus em agradecimento pelo ano de fartura. Já em tempos de seca são realizadas missas e novenas em pedido de chuva.

Quando ocorre o falecimento de um membro da comunidade, são realizadas rezas por três dias na casa da família do falecido. Geralmente após o velório e o enterro, as famílias já se combinam para efetuar a reza do terço na casa do falecido juntamente com a família.

Conforme o relato a seguir, pode-se verificar a importância que a comunidade vê em velar mortos:

“Deixar de rezar na casa do falecido faz com que ele tenha mais dificuldades de encontrar seu caminho para o céu e a família sofre mais, pois não tem o apoio dos outros, sabe aqui, desde nossos avós, sempre que podemos tentamos auxiliar uns aos outros”. (produtora rural, 43 anos)

A religiosidade é um traço forte na comunidade. A Igreja na pessoa do Padre ou Pastor parece suportar a figura de mediador entre os habitantes, servindo de apoio nos momentos mais difíceis.

4.5.2. *As festas típicas (locais de reunião da comunidade)*

O *Kerb* é uma festa tradicional, típica alemã, onde são servidas comidas típicas (carne assada de boi e porco, linguiça, chucrute, saladas, rabanete, maionese e arroz), animadas com “bandinhas”, que antigamente chegava a durar até três dias e atualmente dura uma noite.

Realizam-se normalmente uma vez ao ano na festa do padroeiro da comunidade, nesta festa há presença de praticamente todas as pessoas de Novo Paraíso, bem como das comunidades vizinhas.

As músicas são cantadas pelas populares “bandinhas”, sendo um misto de composições alemãs e novas composições brasileiras, cantadas em português e no ritmo das tradicionais. Muitas destas bandinhas também passam por um processo de identificação com a modernidade, onde a música original dos antepassados, agora com uma roupagem atualizada, inclusão de instrumentos elétricos como guitarras e baixos, tornam-se muito populares entre os jovens.

O baile pode ser descrito nas palavras de seus organizadores:

“O Kerb começa no sábado, em geral nos reunimos pela manhã bem cedo e começamos a fazer os preparativos para a festa, e não são poucos. O cardápio é maionese, chucrute, rabanete, salada de alface e tomate, arroz, massa, molho pra massa, e churrasco de gado e porco. É preciso organizar as mesas com os pratos e talheres e colocá-las de forma que não atrapalhem o local para dançar. À tarde a “bandinha” sempre chega e precisa ter Chopp gelado para eles e para pessoas que iram trabalhar organizando tudo. De maneira que esteja tudo pronto as oito da noite quando chegam as primeiras pessoas para a festa. Baile bom dura até o outro dia ao amanhecer e precisa ter cuca e linguça para toda a noite, junto com a cerveja” (produtor rural, 55 anos)

No Kerb existe uma representação do que seja se portar corretamente neste ambiente embora não haja nada escrito ou combinado, existem apenas os hábitos coletivos estabelecidos ao longo dos anos. Geralmente as famílias chegam juntas e procuram um local para se sentar junto com um amigo ou vizinho. Após o jantar, que é organizado de forma que cada mesa se dirija ao *buffet* em ordem para não haver atropelos e filas, os homens e as mulheres começam as interações com as outras famílias, agora se misturando de forma que as rodas de conversa sejam estabelecidas por afinidade.

Após o jantar temos o baile, onde a música e a dança fazem as pessoas. O processo de significação do que seja ser alemão, do que seja ser imigrante e do que seja ser descendente precisa ser respondido. A questão em voga é até que ponto cada uma destas identidades precisa estar equilibrada em cada indivíduo.

4.5.3. Jogos de cartas

Na comunidade de Novo Paraíso as famílias costumam se reunir em seus momentos de folga para jogar cartas. O jogo de cartas geralmente ocupa um ou dois para jogar uma partida ou duas.

O local do jogo é acordado entre os jogadores de forma que toda a semana seja em uma casa diferente, desta maneira que todos são visitados.

Entre as características dos jogos destacam-se ser na maioria das vezes disputados em duplas. O idioma alemão é usual durante a partida e sempre há algum tipo de comida como acompanhamento.

Observa-se que falam durante a partida sobre os mais variados assuntos conforme o relato a seguir:

“Ah, nunca tira a atenção, já jogamos no automático, que nem o trator depois de ligado não para, (alusão ao motor diesel que precisa para ser desligado girar a chave e após um estrangulador que corta a injeção de combustível), e precisamos conversar sobre as coisas que estão acontecendo, se alguém precisa de um financiamento, se vai haver uma nova ponte (uma ponte da comunidade fora retirada para reconstrução), quem vai se casar e outras coisas que a gente possa falar, quem sabe se o Grêmio vai ser campeão”. (produtor rural, 38 anos)

Os jogos de cartas mais comuns são o *Schafkopf* (cabeça de ovelha) e a canastra. O primeiro jogo veio junto com os colonizadores e parece ter origem medieval, o segundo jogo é proveniente das cidades de Montevideo e Buenos Aires.

A canastra é considerada o jogo mais popular. Pode-se notar que até mesmo as crianças sabem jogar, sendo que o *Schafkopf*, que tem regras que lembram o pôquer, é considerado o jogo dos adultos, principalmente dos homens, que podem jogá-lo a dinheiro. Conforme relato a seguir:

“Jogar o Schafkopf é para adultos. Meu avô me ensinou o jogo e então jogava com meu pai e minha mãe. Sabe, é um jogo que faz pensar, a pessoa precisa ter atenção e ser esperto, é um jogo para pessoas inteligentes, sempre fora jogado aqui em Novo Paraíso. Estou ensinando para meus filhos.” (produtor rural, 36 anos)

O jogo é bom motivo para que as famílias se desloquem de suas propriedades até a casa dos vizinhos. Destes jogos de cartas, surgem sentimentos de solidariedade que podem resultar no dia-a-dia, por exemplo, na hora da colheita, auxílio nos momentos de doença ou mesmo reduzir as próprias desavenças que possam existir.

Além disto, as famílias costumam utilizar o idioma alemão durante as partidas. Jogar o *Schafkopf* falando em português parece não ter o mesmo sentido de quando é jogado falando em alemão.

Parece que para ser aceito como membro da comunidade e não como visitante ou de fora, é desejável que a pessoa tenha familiaridade com o idioma alemão e tenha interesse de participar destes jogos de cartas.

Neste sentido ser um jogador de cartas que fale alemão não significa que alguém se torne melhor que outro indivíduo da comunidade, mas apenas torna mais fácil o processo de aceitação.

Neste contexto estar incluso torna as pessoas as mais fortes, em consequência a comunidade se torna mais forte. O gradiente de poder se estabelece na proporção.

No fundo sempre se trata do fato de que um grupo exclui outro das chances de poder e de status, conseguindo monopolizar essas chances. A exclusão pode variar em modo e grau, pode ser total ou parcial, mas forte ou mais fraca. (ELIAS, 2000, p. 208)

Outras modalidades de jogos são conhecidas pelos habitantes de Novo Paraíso, mas o que é relevante, na maioria das vezes, os nomes originais são substituídos por nomes semelhantes no idioma alemão.

O jogo parece acima de tudo propiciar um espaço onde os descendentes podem se relacionar com seus vizinhos e amigos, resolver pequenas contendas, iniciar novos negócios ou simplesmente falar sobre as questões simples da vida.

Além disso, o espaço destinado ao jogo de cartas, não serve apenas para conversar-se informalmente sobre os acontecimentos e rumo da sociedade, mas também como espaço de reafirmação da condição de descendente de alemão. Entende-se que para jogar cartas existe um determinado sistema que deve ser respeitado, onde existem normas e obrigações na ditas, mas tacitamente cumpridas por todos os participantes.

O ambiente do jogo é onde se pode interagir socialmente: a fala, o discurso, a forma corporal, o idioma, e os costumes são essenciais a uma correta comunicação.

Este ambiente, ao mesmo tempo, que suporta as relações sociais entre os diversos atores, também possibilitando a satisfação pessoal dos jogadores, que por se sentirem inclusos no grupo se sentem felizes e plenamente integrados no meio social.

O exemplo das competições esportivas deixa muito claro que dedicação e felicidade na busca de satisfação por parte dos indivíduos ou grupo desempenham um papel significativo” (ELIAS, 2000, p. 213)

Assim, ainda que, inconscientemente, a satisfação atrai os participantes a continuarem realizando jogos para que possam continuar inclusos e satisfeitos.

4.5.4. *Campeonatos*

Os jogos intercomunitários são muito populares em Novo Paraíso. Estes jogos apresentam semelhança com uma olimpíada. Os integrantes da comunidade participam em diversas modalidades como: o jogo de cartas, futebol, vôlei e bocha. Estas modalidades são constituídas de forma a todos participarem, de modo que há jogos para adultos, jovens, idosos e crianças.

Os jogos parecem fortalecer o sentimento de pertencimento a uma determinada comunidade. Ressalte-se o meio rural possui olimpíadas próprias e distintas das praticadas na cidade, não havendo intercâmbio de participantes.

Neste contexto revelam-se os conceitos de Norbert Elias de pertencimento ao grupo e exclusão do grupo. Quem é do meio rural participa dos jogos intercomunitários rurais e que da cidade está vedada participação.

4.5.5. *O alemão gaúcho*

A integração dos descendentes dentro do Estado brasileiro vai se efetuando ao longo das décadas, pouco a pouco os hábitos alimentares, a música, e os costumes locais vão sendo apropriados e conquistando um novo significado.

Um hábito tipicamente do estado do Rio Grande do Sul, o de se tomar o chimarrão (tipo de chá quente), foi amplamente absorvido pelos descendentes, sendo que atualmente em todas as casas se bebe o chimarrão ao menos uma vez ao dia. Além disso, o churrasco (carne assada) normalmente está presente no cardápio de domingo. Também há uma procura por cursos de danças típicas gaúchas (designação dos habitantes do Rio Grande do Sul) o que aproximou os descendentes das tradições gaúchas.

Mas nestas formas de interação cultural os descendentes não abdicaram de seus próprios hábitos e costumes. Exemplo disso é utilização da língua alemã e a mescla das danças gaúchas e alemãs nos bailes de *Kerb*. As roupas típicas gaúchas parecem ficar associadas apenas ao baile gaúcho não sendo apropriados ao cotidiano ou que identifique a comunidade.

Mesmo que a etnia, o idioma (alemão) e determinados traços culturais (festas, bailes, jogos, etc) continuem a representar os padrões de conduta e relacionamento social, eles passam a conviver

com outros valores sociais e morais, característicos das sociedades modernas. (SCHNEIDER, 1999, p.134)

Ser alemão em Novo Paraíso passa por mesclar tradições gaúchas e alemãs. A ideia de ser um brasileiro diferente, mas não menos brasileiro faz parte desta consciência. Assim o descendente se diz Gaúcho embora não use roupas típicas ou exprima característico, pois este é substituído pela língua alemã e os hábitos alemães.

Interagirem de modo que todos acabam participando conforme as preferências musicais. O espaço do *Kerb* é o lugar da sociabilidade por excelência em Novo Paraíso. Neste ambiente estão representados desde as classes menos abastadas até os indivíduos mais ricos, passando por autoridades policiais, políticas e eclesiásticas.

4.6. Herança Cultural

As pessoas que vivem em novo Paraíso parecem ter internalizado um *ethos* do trabalho oriundo de uma herança cultural que passa de pai para filho, como um ensinamento básico da educação do indivíduo.

Nota-se também uma relação de comunidade, onde o *ethos* camponês objetiva a busca da segurança, seja ela através da auto-suficiência alimentar, seja agora resignificada através de uma segurança financeira.

O conceito de *ethos* camponês é resumido sucintamente nesta passagem:

Dentro do contexto da auto-suficiência, a família do colono é grupo de produção da colônia, na qual cada um dos seus membros possui atribuições específicas e gerais, mas, desde os sete ou oito anos até a velhice, todos trabalham. Outra característica que pode ser considerada como fundamental do *ethos* camponês é o auxílio mútuo que se desencadeia com a vizinhança. O auxílio pode ser em caso de doença, quando então os parentes próximos ou vizinhos auxiliam nas tarefas da roça. A construção da moradia de alguém que vai casar, de uma escola comunitária, de uma capela, concertos de estradas, o abate de animais domésticos costumam envolver parentes, amigos e vizinhos em mutirão. (SEYFERTH, 1990, p.28-31)

Nota-se a utilização de expressões como: “trabalho é tempero da vida, do que adianta possuir o fim de semana, se não se sabe como é importante descansar”. Certa feita, um senhor comentou: “que era muito ruim chover durante a semana, que o certo era chover no fim de semana”. O agricultor estava querendo dizer é que durante a chuva não possível efetuarem-se muitas das tarefas do campo e que ele seria obrigado a ficar em casa, e possivelmente trabalhar no domingo próximo, se fizesse tempo bom. .

Parece que o trabalho, como herança cultural, representa algo que proporciona satisfação quando é executado. Não cumprir suas obrigações além de ser reprimido pela comunidade, causa sentimento de culpa no próprio indivíduo, pois este acredita que não está cumprindo funções as quais foi preparado desde criança.

4.7. *Ethos* do trabalho

Na colônia de Novo Paraíso, as relações das famílias são pautadas pelo trabalho, as crianças desde jovens estão ajudando os pais, buscando as vacas, levando animais de volta ao pasto, as maiores já ajudam na ordenha, em fazer a silagem (tipo de ração para os animais preparado a base de milho, preparada no verão para dar-se no inverno e estocada no campo em pequenos silos).

Estudando o processo de colonização e expansão da zona pioneira, logo percebemos que o sistema produtivo, implementado pelos colonos teuto-brasileiros nas pequenas propriedades combinava o trabalho da terra com outras atividades como o artesanato rural, a produção domiciliar manufatureira e diversos tipos de trabalhos extra-agrícolas temporários como a manutenção e construção de estradas, o desmatamento de florestas e etc. (SCHNEIDER, 1999, p.83)

O que se percebe é que os hábitos propagados na colônia, na maioria das vezes, estão relacionados ao “*ethos* do trabalho”, que por sua vez é um dos componentes do “*ethos* alemão”. Por fim a junção de ambos fortalece a ideia do “*ethos* camponês”, onde o modelo de agricultura familiar assenta-se sobre o trabalho, a família e o lar.

A origem dos imigrantes com a carga de identidade que eles trouxeram de seu país natal, as agruras das novas terras que estavam quase inóspitas até o momento da colonização, a necessidade de modificar o meio natural com vistas a propiciar a subsistência e um conforto próximo àquele que existia nas terras natais, tendo como única alternativa o trabalho e a consciência da necessidade de união para suprir o vácuo deixado pelo Estado fazem parte do processo de formação de identidade dos descendentes de alemães na atualidade.

A imigração alemã na primeira metade do século XIX, ainda durante a escravidão, redimensiona a hierarquia em que a sociabilidade da colônia alemã. Viabiliza-se como um setor intermediário no campo, redefinindo para baixo da hierarquia social os peões, escravos e índios, e tencionando a classe superior com uma civilidade mais complexa, tanto em comportamento quanto em diferenciações de consumo e habilidade técnico-artesanal de processamento; lembrando ainda a diferenciação religiosa protestante, que, de outra forma, tenciona as práticas religiosas hegemônicas. (FIALHO, 2005, p.105)

O processo produtivo implementado pelos imigrantes alemães, baseado na agricultura familiar, na pequena propriedade, e no princípio de associativismo, tem laços ligados a própria forma como se apresentava o conceito de identidade, do que é ser alemão. Ressalte-se que na época da colonização e até hoje parece ser nítida a diferença das zonas de colonização alemãs e italianas para zonas de colonização lusitanas, que utilizam outro sistema produtivo.

4.8. *Considerações Finais*

O estudo foi um mergulho no interior de uma comunidade de descendentes de alemães. Novo Paraíso nos possibilitou transitar entre o mundo da cidade e do campo, entre a cultura de um antepassado alemão e a nova interpretação dada pelos descendentes.

Ao pesquisarmos uma comunidade, colocamo-nos diante de uma grande variedade de problemas. Ao pesquisador cabe a questão de se todos são igualmente centrais para compreendermos o que confere a um grupo de pessoas um caráter específico: o caráter de comunidade.

Em uma pequena comunidade o grau de relação é muito forte entre os indivíduos, as pessoas podem estabelecê-las através de aspectos econômicos, históricos, recreativos, religiosos e administrativos, de forma que no conjunto moldaram a consciência de identidade. Em Novo Paraíso isto pode ser notado nas formas de associação mais comuns, tais como as econômicas referentes aos produtores integrados, a história de antepassados com uma mesma origem, recreativas representadas nos jogos de cartas, religiosas na missas e cultos e nas festas típicas como o Kerb e nas administrativas visto que a comunidade precisa gerenciar seus problemas.

Estas associações ajudam a formar Novo Paraíso produzindo um ethos de aldeia, onde a comunidade em si se constitui como a própria representação da sociedade. As pessoas negociam, trabalham e se divertem juntas, constituindo uma rede social mais intensa. As relações são múltiplas e variadas passando de um plano econômico ao recreativo com os mesmos atores sociais, mudando apenas o momento em que se processa a interação.

Em Novo Paraíso a questão econômica parece estar relacionada a questão da sobrevivência, da segurança, e então após este objetivo conquistado a formação de um excedente que possa ser utilizado na aquisição de bens de consumo que visem o maior conforto da família e a custear o estudo para os filhos.

A família parece ser o núcleo central da comunidade, se ao longo do texto cita-se a questão da formação de um lar, em terras brasileiras, é a família que serve de modelo ao descendente.

Quando os descendentes falam o idioma alemão, o estão utilizando como símbolo de pertencimento a comunidade. Ressalte-se que esta pesquisa busca constituir uma linha

histórica das transformações ocorridas na identidade dos descendentes de alemães. Com isto, componentes do ethos alemão parecem ter se deslocado de lugar, se em um primeiro momento existiam tensões entre conceitos como nacionalidade e cidadania, ou seja, a relação existente entre lar e pátria territorial, hoje isto passa a um plano secundário, pois o descendente de alemão de Novo Paraíso esta se identificando não com um individuo proveniente da Alemanha, e sim com alguém com os mesmos costumes, hábitos e tradições proveniente de sua Comunidade.

As relações sociais tramadas entre os indivíduos nas diversas configurações sociais possíveis em Novo Paraíso, solidificam uma consciência de pertencimento a uma comunidade, a um tipo específico de ser, individual, coerente com uma representação, coletiva, do que seja ser um descendente de alemão.

Ao mesmo tempo, isto não exclui a participação na nação brasileira, como cidadãos plenos e participativos, pois os descendentes se sentem brasileiros. A identidade, em Novo Paraíso, parece estar ligada ao lugar, ao amor as coisas da comunidade, do que se entenda como afeito a vida naquela localidade.

Neste contexto, os jogos de cartas, o Kerb, são espaços não apenas de recreação, mas de reprodução do modo de ser de um individuo na sociedade de Novo Paraíso. Percebe-se que a participação nestes eventos ao causar prazer possibilita a reprodução cultural das formas de ser alemão entendidas pelas pessoas da comunidade.

Logo a identidade se forma deste emaranhado de relações sociais, onde pouco a pouco a língua alemã perde espaço como principal componente de pertencimento ao ethos alemão, ainda que desejável, e assumem novas formas relacionadas a consciência de pertencimento a comunidade. Estas novas formas podem ser interpretadas como o redimensionamento de um ethos alemão vinculado as coisas da comunidade, idéia de ethos camponês, e uma consciência de ter como característica intrínseca aos indivíduos a idéia do trabalho.

Então considerando todo este curto estudo, o que se quer afirmar é questão da transformação na identidade se torna mais clara quando efetuamos uma soma dos múltiplos “eu” e “outros” interagindo em comunidade. Ações individuais e coletivas interagem em proporções que podem ser estudadas sobre as mais variadas formas. Mas a identidade de cada individuo se forma através da derivação destas interações, ao longo de um período histórico.

Portanto, em Novo Paraíso, muito do que se entende como ser inerente a alguém que nasce é criado na comunidade, em verdade é consequência de uma longa historia de relações, que se inicia na terra natal dos colonizadores e que é trazido como elemento cultural por estes

as novas terras. Aqui através de interações com outras formas ser individuo e sociedade e também com as interações econômicas, passa por uma nova significação. Onde muitas das características de um ethos alemão original é significado como sendo algo que represente a comunidade.

4.9. *Bibliografia*

ELIAS, Norbert. *Os Alemães, a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. 1ª edição.*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997. 431 páginas.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador I, Uma histórica de costumes.*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994, 215 páginas.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2000, 218 páginas.

FIALHO, Marco Antonio Verardi. *Rincões da Pobreza e Desenvolvimento: Interpretações sobre o comportamento coletivo*, Rio de Janeiro, Tese doutorado Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

SCHNEIDER, Sérgio. *Pobreza Rural, desequilíbrio regionais e desenvolvimento agrário no Rio Grande do Sul, Passo Fundo – Editora Universidade de Passo Fundo, 2000.*

SCHNEIDER, Sérgio. *Agricultura Familiar e Teoria Social: a diversidade das formas familiares de produção na agricultura, Planaltina-DF, Editora Embrapa Cerrados, 2008.*

SCHNEIDER, Sérgio. *Agricultura Familiar e Industrialização, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1999.*

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e cultura no Brasil, Brasília – Editora Universidade de Brasília, 1990, 103 páginas.*

SEYFERTH, Giralda. *A representação do “trabalho alemão” na Ideologia étnica teuto-brasileira, Salvador – Editora UFBA, 1989, 137 páginas*